

Clima de Brasília no inverno

Luiz Cavalcanti

4 JUN 1989

Com um clima em que são bem definidos dois períodos, o seco e o chuvoso, Brasília começa agora o primeiro, que se estende até meados de setembro. Nesta época a Massa Equatorial Continental (Ec) recua na direção do Hemisfério Norte dando lugar ao avanço da Massa Tropical Marítima (Tm), originária e centralizada no Oceano Atlântico, que passa a predominar no interior do País, trazendo condições de tempo com muitos dias de céu claro e forte incidência de névoa seca na região de Brasília, além das queimadas, geralmente criminosas, de pessoas menos avisadas.

A chuva raramente ocorre neste período e quando acontece normalmente é fraca e de curta duração. Face a esta situação, ocorrem baixos índices de umidade relativa, cuja média se situa em torno de 50%, por si só muito baixa, mascarada pelos valores que ocorrem à noite e de madrugada. Atinge com muita frequência valores entre 20% e 25% nos períodos da tarde, e mínimos de umidade relativa já chegaram a 13% em quatro oportunidades: em junho de 1985, agosto de 1973 e 1987, e em setembro de 1969.

No inverno as massas de

origem polar (Pm) muito frias aportam no Planalto Central, trazendo condições de frio que, associado a baixa umidade, causa grande desconforto à população. É comum, nestas situações, ocorrerem pequenas hemorragias nasais nas pessoas, ocasionadas pela ruptura de vasos capilares sanguíneos do nariz, em virtude do ressecamento das mucosas, e pequenos traumatismos, principalmente nas crianças expostas ao frio e à secura do ar. Com a umidade baixa, o organismo humano perde grande quantidade de líquidos, o que favorece a formação de cálculos renais nos indivíduos com predisposição à formação dos mesmos e à desidratação, mesmo sem causas aparentes, tornando-se mais graves os quadros de diarreias e vômitos. A pele também é prejudicada pela baixa umidade por que, além do ressecamento, fica suscetível a traumatismo e desenvolvimento de processos infecciosos e alérgicos.

A névoa seca, tão comum nessa época do ano, é formada de partículas de poeira em suspensão na atmosfera, extremamente pequenas, invisíveis a olho nu e suficientemente numerosas para dar ao ar um aspecto opalescente que, associa-

do à formação das queimadas, reduz sensivelmente a visibilidade. Com efeito, a névoa seca é observada em situações anticiclônicas (circulação vertical descendente) com vento fraco ou nulo, abaixo de uma camada de ar estável, e sua presença é mais frequente numa inversão mais ou menos acentuada da temperatura, situação em que a dispersão dos poluentes atmosféricos é muito lenta e tende a ficar próxima ao solo.

Na essência, a variável meteorológica que é fator de preocupação é a umidade relativa do ar. Agosto é o mês mais seco e setembro, pelo menos a princípio, nada lhe fica a dever. A complexidade do comportamento da atmosfera não permite, pelos meios científicos, uma previsão a longo prazo das condições de tempo. Por esta razão é extremamente prematuro afirmar se vamos ter uma estação muito ou pouco rigorosa. No entanto, pela série histórica dos dados de Brasília e da região, devemos estar preparados para enfrentar dias secos, com baixa umidade, e, às vezes, queda nas temperaturas.

□ Luiz Cavalcanti é diretor da Divisão de Análise e Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia.